



Evento: XXX Jornada de Pesquisa

O FUTURO DA EDUCAÇÃO: UMA APOSTA MORAL E ÉTICA¹

Taiz Cristiane Speroni², Annamaria Machado Batista³, Vânia Lisa Fischer Cossetin⁴

¹ Pesquisa realizada na disciplina Ética e Formação do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijui) no primeiro semestre do ano de 2025.

² Estudante do curso Mestrado em Educação nas Ciências na Linha de Pesquisa: Teorias pedagógicas e dimensões éticas e políticas da educação; Bolsista PROSUC/CAPES, taiz.speroni@sou.unijui.edu.br.

³ Mestranda em Educação nas Ciências da UNIJUI. Bolsista PROSUC/CAPES, annamaria.batista@sou.unijui.br.

⁴ Doutora e Mestre em Filosofia pela PUC-RS. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijui. Vania.cossetin@unijui.edu.br.

INTRODUÇÃO

Pensar o futuro da educação dentro de uma sociedade ocidental, capitalista e neoliberal tem sido um grande desafio. Esperança e otimismo não são o que primeiro vêm à mente quando esse debate é levantado, contudo, é necessário que seja feito por todos, não somente por aqueles diretamente vinculados às instituições educativas como à escola e à universidade.

A qualificação técnica, preparação para o mercado de trabalho, exigência por performance e produtividade têm se tornado central nesse âmbito, denunciando o foco na aprendizagem e não no ensino ou na própria dinâmica pedagógica inerente à relação professor-aluno.

Convém, nesse contexto, lembrar alguns fundamentos da educação para que se possa discutir possibilidades de um futuro que resguarde o compromisso que a humanidade tem consigo mesma, para o que se aposta na ética e na moral como constituintes do modo de ser humano ou, mais especificamente, sujeito.

METODOLOGIA

Este escrito foi realizado na disciplina "Ética e Formação" ofertada pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação nas Ciências da UNIJUI, ministrada pela professora Vânia Lisa Fischer Cossetin. A pesquisa utilizou como referências a base bibliográfica disponibilizada pela disciplina, e com maior ênfase os textos de Charlot (2019), Cossetin (2022), Flickinger (2010) e Jaeger (2018). A proposição do trabalho emergiu das



discussões realizadas em aula, as quais movimentaram questões importantes acerca dos conceitos de moral e ética e da preocupação com o futuro da educação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É notável a predominância da lógica econômica nas sociedades capitalistas neoliberais do tempo presente, fazendo com que o trabalho tenha papel central na vida dos sujeitos. O “(...) processo de submissão do homem à lógica coisificadora da mercadoria” (FLICKINGER, 2010, p.179) está cada vez mais presente diante da “necessidade” do consumo. Homem, este, que acaba por ser engolfado em uma rotina de produção e exigência por performance, não mais se realizando por meio de seu trabalho, e isso a ponto de, muitas vezes, esquecer-se dos motivos de sua atividade e o que ela lhe exige. Evidencia-se um distanciamento do lugar do trabalho como humanizante, ou ainda, como dignificante da vida humana.

Essa realidade social tem efeitos diretos na educação, onde a preparação para o mercado de trabalho ganha centralidade. Charlot (2019) ao colocar em pauta a questão antropológica da educação dá indícios do retorno à barbárie, denunciando uma contemporaneidade marcada pela indeterminação do que é ser humano e também do papel da educação no conjunto das questões existenciais.

Os jovens encontram-se, assim, engajados em uma grande corrida escolar, regida por uma impiedosa lógica da performance e da concorrência - forma escolar do “livre mercado” neoliberal. Os jovens são livres, eles não têm mais que aguentar o peso de um monte de normas impostas pelos adultos, desde que... estudem, estudem, estudem, para preparar as provas, tirar notas boas e, um dia, entrar na universidade. Quanto aos pais, a questão que eles devem resolver não é mais “para qual forma de humanidade devo educar essa criança?”, mas “o que fazer para que ela tenha um bom emprego mais tarde?” (CHARLOT, 2019, p. 169).

Para enfrentar tais questões, Charlot (2019) indica a necessidade de um retorno ao sentido profundo da educação. Jaeger (2018), nesse sentido, sublinha que os gregos foram os pioneiros na concepção da educação enquanto processo de formação humana, introduzindo a noção de “paideia” como “(...) a formação de um elevado tipo de homem. A ideia de educação representava para ele o sentido de todo o esforço humano” (JAEGER, 2018, p.5). A partir da educação, portanto, o indivíduo passa a ser introduzido na comunidade, apresentando suas normas e regras, possibilitando sua efetiva participação no conjunto da polis..



Destaca-se aqui a valorização do humano, o reconhecimento das virtudes e a aposta na sua autonomia. Pressupostos que também podem ser encontrados, na modernidade, com Kant, quando afirma que “o homem só chega a ser homem pela educação” (KANT, 1996, p. 15 apud COSSETIN, 2021, p. 18). Kant irá reconhecer o papel primordial da educação e da moralidade na consituição do sujeito e de sua relação com o semelhante: “Kant parte do suposto de que o comportamento moral é a expressão do modo como cada um de nós avalia individualmente a própria ação a partir da consciência” (COSSETIN, 2022, p. 346).

Para que isso possa ser efetivo, Cossetin (2022) lembra que, para Kant, o sujeito moralmente autônomo deve apresentar quatro características: ser *consciente*, ter *vontade*, ser *responsável* e ser *livre*, as quais configurariam a condição de possibilidade para o sujeito viver em sociedade. Além disso, Kant irá indicar quatro princípios a partir dos quais as intenções humanas devem ser avaliadas a fim de se assegurar se a ação em curso é ou não moral, a saber: o *dever*, a *universalidade*, o *respeito* e a *publicidade* (KANT, 2007 apud COSSETIN, 2022). Este arrazoado, sugere que a exigência moral kantiana é a de que o sujeito autônomo é aquele que internaliza as normas e é capaz de agir com base na lei que ele impõe a si mesmo, incondicionalmente, seguro de que as suas ações visam um bem.

Contudo, Cossetin (2022) adverte que, dadas as vicissitudes da vida e do modo de ser humano torna-se basicamente impossível ser um sujeito moral o tempo todo, de onde a importância da reflexão acerca dos condicionamentos históricos, linguísticos e subjetivos que estão em jogo na ação moral. É justamente, neste contexto, que surge a ética, a qual “nos desafia a revisar criticamente nossas convicções e heranças, o que só é possível pela admissão do caráter finito de nossa condição humana e, especialmente, de que nosso pensar e agir, são condicionados” (COSSETIN, 2022, p.351).

Isso explica a razão pela qual moral e ética precisam ser discutidos constantemente em contextos educativos, no intuito de redimensionar o sentido de formação. Ao partimos do suposto de que cabe à educação introduzir o sujeito na cultura, permitir a subjetivação, permitir o devir humano e apostar “(...) na capacidade que todo aquele que se encontra em processo formativo tem de ir um pouco mais além” (COSSETIN, 2021, p.5)

Por mais paradoxal que essa situação possa parecer, é próprio da ética da educação o engajamento, nunca esquecendo de que as verdades nas quais nos engajamos são provisórias. A consciência dessa falibilidade, segundo Safatle, “[...] é a mais importante das virtudes morais” (2013, p. 75), o que implica muito mais do que a fidelidade a um princípio, mas o “[...] esforço de pensar contra si mesmo e rever as consequências do que, em dado momento, é claro para nós” (2013, p. 75). Esta, ao



que me parece, é a postura ética exigida relativamente à educação, de modo que diante da pergunta pode a tarefa educativa engajar-se moralmente?, aventurei-me a responder, ainda que sob juízo, *deve*, se admitirmos que é um risco grande demais deixar que a vida dos novos seja abandonada ao acaso. (COSSETIN, 2021, p. 29)

Diante do cenário atual, marcado por desafios e pela perversidade neoliberal, entende-se que a reflexão ético-moral vem a ser a possibilidade de um futuro para a educação que não se subjugue à lógica mercadológica. Mesmo porque, parafraseando Cossetin (2021), não podemos deixar que a vida dos jovens e crianças sejam deixadas ao acaso, especialmente quando é na escola que muitos encontram amparo e a possibilidade de virem a ser para além da fatalidade do seu seu nascimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressignificar o sentido da educação e refletir sobre o seu lugar na sociedade contemporânea são movimentos necessários para todo aquele que se dispõe a refletir sobre educação e formação de humanos. Por vezes, na rotina imposta por este mundo caótico, questões importantes são deixadas de lado e nos vemos contribuindo para este sistema que insiste em nos oprimir e a depor contra a própria humanidade, alienando cada vez mais os sujeitos e lhes retirando qualquer possibilidade de aposta futura.

Defendemos a ideia de que, pensar a moral e a ética na educação implica justamente conceber as atuais condições de possibilidade de que o sujeito se constitua de forma autônoma, atuando no mundo responsavelmente e seguindo apostando na própria educação.

Palavras-chave: Educação. Moral. Ética. Formação Humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FLICKINGER, Hans-Georg.** A dinâmica do conceito de formação (Bildung) na atualidade. In: *A caminho de uma pedagogia hermenêutica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2010. p. 177–193. Cap. 2.
- CHARLOT, Bernard.** A questão antropológica na educação: quando o tempo da barbárie está de volta. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 35, n. 73, p. 161–180, jan./fev. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-4060.62350>>. Acesso em: 7 jul. 2025.



COSSETIN, Vânia Lisa Fischer. Moral asepsis in education. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 35, n. 73, p. 393–422, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v35n73a2021-54953>. Acesso em: 7 jul. 2025.

JAEGER, Werner. O lugar dos gregos na história da educação. In: _____. *Paideia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2018. p. 1–18.

COSSETIN, Vânia Lisa Fischer. Para começar a falar sobre ética. *Filosofia e Educação*, Campinas, SP, v. 14, n. 1, p. 339–361, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/rfe.v14i1.8666721>. Acesso em: 7 jul. 2025.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: que é esclarecimento? 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 63–71.